



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Caroline Camargo Ferreira

**EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA CRIANÇAS: REFLEXÕES
A RESPEITO DE UMA MÍDIA MUSICAL**

**Sorocaba
2024**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

Caroline Camargo Ferreira

**EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA CRIANÇAS: REFLEXÕES
A RESPEITO DE UMA MÍDIA MUSICAL**

Trabalho de Conclusão de Curso escrito e apresentado para a banca examinadora em circunstância de último método avaliador com o objetivo de obtenção de diploma no curso de Pedagogia Plena na Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Maria Walburga dos Santos

**Sorocaba
2024**

FICHA CATALOGRÁFICA

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)
Dados fornecidos pelo autor
Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano - CRB/8 6979

Ferreira, Caroline Camargo, Educação das relações étnico-raciais para crianças: reflexões a respeito de uma mídia musical. Universidade Federal de São Carlos, *campus* Sorocaba. 2024.
47f.

TCC (Graduação) - Orientador (a): Prof^ª Dr^ª Maria Walburga dos Santos
Banca Examinadora: Prof^ª Dr^ª Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi;
Prof^ª Dr^ª Mariana Martha Cerqueira Silva

Bibliografia – Educação Infantil; Educação das relações étnico-raciais; Mídias infantis



**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS COORDENAÇÃO DO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA - CCPedL-So/CCHB**

Rod. João Leme dos Santos km 110 - SP-264, s/n - Bairro Itinga, Sorocaba/SP, CEP 18052-780

Telefone: (15) 32295978 - <http://www.ufscar.br>

DP-TCC-FA nº 20/2024/CCPedL-So/CCHB

Graduação: Defesa Pública de Trabalho de Conclusão de Curso Folha Aprovação

(GDP-TCC-FA)

FOLHA DE APROVAÇÃO

CAROLINE CAMARGO FERREIRA

**EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS PARA CRIANÇAS: REFLEXÕES
A RESPEITO DE UMA MÍDIA MUSICAL**

Trabalho de Conclusão de Curso

Universidade Federal de São Carlos – campus Sorocaba

Sorocaba, 03 de setembro de 2024

ASSINATURAS E CIÊNCIAS

Cargo/Função	Nome Completo
Orientadora	Prof. ^a Dr. ^a Maria Walburga dos Santos
Membro da Banca 1	Prof. ^a Dr. ^a Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi
Membro da Banca 2	Prof. ^a Dr. ^a Mariana Martha Cerqueira Silva



Documento assinado eletronicamente por **Maria Walburga dos Santos, Professor(a) Efetivo(a)**, em 03/09/2024, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Martha de Cerqueira Silva, Professor(a) Substituto(a)**, em 03/09/2024, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Professor(a)**, em 03/09/2024, às 16:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufscar.br/autenticacao>, informando o código verificador **1532364** e o código CRC **E314166D**.

Referência: Caso responda a este documento, indicar expressamente o Processo nº 23112.022802/2024-94

SEI nº 1532364

Dedico este trabalho a minha mãe que me ensinou que o amor leva à dedicação; ao meu pai que me esperou acordado todos os dias durante o período da graduação; e também a todas as pessoas que estiveram comigo durante minha jornada profissional até aqui, e que engrandeceram, em muito, minha prática, dando-me suporte no dia a dia, por fim, e talvez mais importante, aos meus alunos, todos eles, que mesmo tão pequenos me ensinam tanto, que reviveram em mim o amor pela vida, e que me fazem apaixonar a cada segundo pelo estar e permanecer...

AGRADECIMENTOS

Ao escrever este trabalho agradeço a minha família, que me acha, de todas as pessoas do mundo, a mais capaz.

Ao Governo Federal, que me deu a oportunidade de estudar gratuitamente, e com qualidade, durante a maioria dos anos escolares, assim também na graduação.

À universidade, de maneira geral, com todos os seus espaços e membros, que fizeram parte da minha rotina durante esses cinco anos.

Aos professores que me acolheram tantas vezes, e em particular, ao secretário do curso Celso Pessôa, que tirou todas as minhas dúvidas possíveis neste caminho.

À minha Orientadora, Professora Dra. Maria Walburga dos Santos, que acreditou no meu projeto e me apoiou na escrita do mesmo, e também, à Professora Dra. Rosana Monteiro, que embora em outro *campus*, foi inspiração para este texto.

À minha banca examinadora, Prof^{as} Dr^{as} Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi e Mariana Martha Cerqueira Silva, que se interessaram pelo meu tema e se propuseram, com um olhar carinhoso, a lê-lo.

Eu também gostaria de agradecer às minhas colegas de grupo de trabalho, que por muitas vezes me incentivaram na jornada da graduação e que seguiram juntas comigo.

À Enactus UFSCar Sorocaba, ao Cursinho Educação e Cidadania e a todas as entidades presentes no *campus*, que me formaram como profissional e como pessoa, em especial ao Centro Acadêmico de Pedagogia ao qual me dediquei por um tempo significativo.

Aos projetos de Iniciação à Docência e Residência Pedagógica, respectivamente aos coordenadores e preceptores que tive e, à equipe com quem trabalhei, que me colocaram em situações práticas.

Por fim, aos agora meus colegas de profissão, que num passado próximo foram meus mentores em estágios, trabalhos, projetos, e outros, e com quem contei no cotidiano, aprendendo e compartilhando.

Agradeço por último, porém em nenhuma circunstância menos importante, aos meus alunos e crianças, os quais tive o grande prazer de me apaixonar, foi através de seus doces olhares que pude me engrandecer como professora, e foi observando seus primeiros passos que pude olhar para a Educação como um dos caminhos mais lindos a serem seguidos...

FERREIRA, Caroline Camargo. **Educação das relações étnico-raciais para crianças:** reflexões a respeito de uma mídia musical. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba, 2024.

RESUMO: O presente trabalho aborda a educação das relações étnico-raciais na prática com as crianças refletindo sobre algumas mídias infantis fazendo uma análise sobre o projeto musical “A Galinha Pintadinha”. A pesquisa de cunho exploratório, realizada como Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, buscou compreender as relações entre música, educação infantil e a educação das relações étnico-raciais, a partir da metodologia qualitativa: observando, analisando e categorizando se utilizando da mídia audiovisual do Youtube fazendo recorte dos vídeos que se utilizam das cantigas tradicionais. Como resultados pode-se afirmar que ainda há muito a se rever em relação à apresentação dessas no sentido da palavra e do imagético quando se trata de ações afirmativas para a educação das relações étnico-raciais;

Palavras-chave: Educação Infantil; Educação das relações étnico-raciais; Mídias infantis.

FERREIRA, Caroline Camargo. *Education of ethnic-racial relations for children: reflections on musical media.* 2024. Undergraduate Thesis (Bachelor's in Education) - Federal University of São Carlos, Sorocaba campus, Sorocaba, 2024.

ABSTRACT: This work addresses the education of ethnic-racial relations in practice with children, reflecting on some children's media by analyzing the musical project "A Galinha Pintadinha." The exploratory research, conducted as an Undergraduate Thesis in Education at the Federal University of São Carlos, Sorocaba campus, aimed to understand the relationships between music, early childhood education, and the education of ethnic-racial relations, using a qualitative methodology: observing, analyzing, and categorizing through the audiovisual media of YouTube, focusing on music videos that use traditional children's songs. As a result, it can be stated that there is still much to review regarding the presentation of these songs in terms of words and imagery when it comes to affirmative actions for the education of ethnic-racial relations.

Keywords: Early Childhood Education; Ethnic-Racial Relations Education; Children's Media.

LISTA DE SIGLAS

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CNE – Câmara de Educação Básica

DVD - Digital Versatile Disc, em português, Disco Digital Versátil

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

ERER - Educação das Relações Étnico-Raciais

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IES – Instituições de Ensino Superior

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

PPP - Projeto Político Pedagógico (PPP)

PRP - Programa Residência Pedagógica

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1	TODOS OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI.....	1
1.1.	Dos modos de fazer	5
2	JUSTIFICATIVA.....	7
3	OBJETIVOS.....	8
4	METODOLOGIA.....	9
5	INQUIETAÇÕES PRÉVIAS A RESPEITO DO TEMA	11
5.1	Em perspectivas atuais.....	15
5.2	A respeito das representações imagéticas e dos conteúdos	17
5.3	Analisando o conteúdo	21
	ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	26
	REFERÊNCIAS	28
	APÊNDICE 1 - Pombinha Branca - Marcos Patrizzi Luporini - Bromelia Prod. Ltda.....	31
	APÊNDICE 2 - A Loja do Mestre André - Marcos Patrizzi Luporini – Som Livre	32
	APÊNDICE 3 – Marinheiro só – Caetano Veloso – Visão Geral	34
	APÊNDICE 4 – Os Escravos de Jó - Domínio Público - Warner Chappell Music, Inc.....	2
	APÊNDICE 5 – Os indiozinhos - Marcos Patrizzi Luporini,, Bromelia Prod. Ltda.....	3

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Representação de Zé Pilintra.	18
Figura 2 - Representação do Mestre André em A Galinha Pintadinha	19
Figura 3 - Representação da Pombinha Branca.....	19
Figura 4 - Representação dos povos originários I	24
Figura 5 - Representação dos povos originários.....	25

1 TODOS OS CAMINHOS QUE ME TROUXERAM ATÉ AQUI

O presente trabalho é escrito sob o olhar e a perspectiva de uma futura pedagoga branca, não especializada em música, mas que acredita na proposição de uma educação melhor, que se coloque sobre assuntos pertinentes, e que constrói caminhos para transformações sociais em todos os aspectos. De início a escrita deste foi baseada por muitas inseguranças, principalmente em relação ao escrever sob essa perspectiva específica, há de se pensar sobre o dito local de fala, porém com o decorrer dos estudos para a composição do texto essas foram sendo desconstruídas. A educação das relações étnico-raciais é um trabalho coletivo, exigido por lei, e que cabe a todas as pessoas sendo pretas ou brancas. Sendo assim, se faz necessário um olhar atento da branquitude sobre essas relações, no caso dos profissionais atuantes na escola, sobre a educação para elas, para que possam ser construídas ações efetivas e afirmativas em busca de uma educação que aborde a todas as infâncias.

Com o estabelecimento de como me constituo no presente a partir deste momento me coloco sobre em um breve memorial. É de conhecimento geral e de senso comum, que há fatores externos de vida, os quais influenciam e moldam a personalidade, assim como experiências que transformam o ser. Há sempre um dia em que, uma pessoa ou uma decisão, muda o rumo das coisas que acabam se tornando força motriz para um caminho da história. Diante desta perspectiva, em uma reflexão sobre quais as características sociais e históricas de vida que trago ao presente momento é possível traçar uma hipótese que remete à escrita do trabalho da conclusão do curso em Pedagogia pela Universidade Federal de São Carlos *campus* de Sorocaba. Talvez a escolha do curso de Pedagogia se dê pelo fato de ser filha de professora, pois é uma memória muito presente e afetiva passar grande parte do tempo na escola e vê-la como se fosse uma segunda casa, a exemplo de ajudar a rodar atividades no mimeógrafo, ter na sala ao lado à que estudava uma figura importante que serviu de espelho para a personalidade que se formaria mais à frente. É também sobre se ver a carreira dessa pessoa tão amada evoluir ao mesmo passo em que se evolui a relação estabelecida entre mãe e filha. É sobre ver a conclusão de sua faculdade, ter memórias com ela organizando a sala de aula, observar atentamente o seu afeto com outras crianças e, além disso, por outras famílias na gestão escolar. Por essas inúmeras lembranças é que se acredita que, ao ter por tanto tempo esse exemplo dentro de casa, não seja por acaso a escolha deste curso de Pedagogia.

A carreira de professora foi aos poucos tomando espaço e se tornando a primeira opção dentre muitas possibilidades. É algo além dos sonhos de uma criança que se espelha em sua mãe, mas se faz um desejo de adolescente que por fim se torna a concretização da vida adulta.

Juntamente à escolha do curso e dessa vontade inerente do estar na escola se constrói ao longo do tempo um outro desejo instaurado, o de estudar em uma universidade federal e, tendo neste, o recorte de ser particularmente estudante no *campus* de Sorocaba, por conta de uma proximidade geográfica com o que se atribui às palavras lar e família.

É nesse momento que acontece uma retomada de rota, ao perceber que apenas as realizações dessas duas grandes vontades seriam capazes de suprir as necessidades dos sonhos e, assim se parte em uma busca para a concretização dessas realidades. Apesar de, durante algum tempo, depois da conclusão do ensino médio existir uma tentativa de um outro curso superior, uma outra licenciatura e em uma outra instituição, não era esse o destino em que se encontrava algo que na época nem se sabia ao certo. Ao lembrar sobre o sentimento de deixar um curso iniciado para recomeçar em um novo lugar, com novas pessoas, a palavra que imperava era medo. É a partir deste medo que nesse período existiram noites mal dormidas, dedicadas aos estudos, cursos preparatórios em outras cidades que ocupavam os finais de semana, e junto, o trabalho de uma semana inteira, mas no final das contas valeram todos os esforços para obter esse lugar que nunca foi dado e sim conquistado. A conquista nesse momento é de grande valor, pois desde o momento em que se concretizam aquelas ditas vontades antes sonhadas, de curso e de *campus*, se instaura uma sensação de pertencimento que nunca tinha sido antes encontrada em nenhum lugar outro, o de conquistar o espaço da universidade tem seu valor acadêmico e realce na autoestima.

O estar, o conseguir, e sobretudo o conquistar foram, por muito pouco tempo, realizações que geraram o sentimento de missão cumprida antes de partir para outras vontades, pois o que não se comenta é que o estudar em uma universidade pública traz consigo uma provocação do pensar fora do tradicional, uma provocação do inconformismo inerente do ser e que gera, com esses pensamentos, o crescimento de uma fome pelo aprender, pelo participar, por ocupar os espaços, estar em lugares que antes passavam despercebidos, pelo conhecer pessoas diferentes e por ouvir suas histórias. São por essas e outras que a chegada à Pedagogia na Universidade Federal de São Carlos *campus* de Sorocaba, no ano de 2019, acontece após uma tentativa de estar em curso outro, depois de todas essas passagens de vida, experiências e memórias que foram moldando os rumos do destino e que geram uma espécie de efeito borboleta até o presente momento, que pode agora ser resumido, por um desejo de estar e de conhecer, na educação, o resultado de tudo aquilo que foi nutrido durante todo esse tempo.

Diante de todos esses fatos que foram relatados, essa instigada fome pelo aprender, estar e permanecer na educação, gerada na universidade, há uma inquietação e uma necessidade de ir em busca daquilo que se aprende em sala de aula, fazendo inserir o primeiro estágio não

obrigatório e remunerado em educação, em creche pública da cidade de Salto de Pirapora. O estagiar em espaço público, entrando em contato com crianças bem pequenas, desde o primeiro ano trouxe consigo um resgate da infância, e transformou a prática para além de uma profissão, que se mostra muito diferente daquela idealização de um emprego dos sonhos e que se transforma em uma realização pessoal a qual independe de todas as suas intercorrências, mas se coloca como um espaço de trocas afetivas constantes, onde é possível encontrar uma espécie de salvação de algo que há muito tempo se perdeu, o encantamento por conhecer a vida.

Essas foram algumas poucas percepções das muitas estabelecidas dentro das experiências do dito “*chão de escola*” e, foram elas que atravessaram os conhecimentos do curso e que percorrem durante os anos fortalecendo a certeza pelo ensinar. É o estar com as crianças bem pequenas e de primeiríssima infância que se fazem os grandes motivadores de todos os dias do permanecer na profissão, do acreditar em dias melhores e o do reviver o amor pela vida de maneira geral. É sobre os risos, os olhares, as experiências e as relações estabelecidas que nenhum outro lugar proporciona. É sobre o ensinar sobre a vida aprendendo sobre ela com olhar de criança diariamente.

Com a jornada iniciada como um resumo desses cinco anos de graduação, pode-se dizer que durante essa jornada de formação, que ocorreu dentro e fora da universidade, pois muitos foram os momentos em que se confirmaram essas escolhas.

Nesse tempo, alguns autores como Lev Vygotsky (1998) com a teoria da linguagem e sua importância social; Paulo Freire (1991), com sua forma de ensinar focada sobre as provocações e conhecimentos prévios do aluno, bell hooks (2013) com seus livros sobre a negritude, entre outros, chamaram a atenção e inspiraram pensamentos e práticas a serem levadas adiante. Foi também durante esse processo formador que, em estudos e palestras, começou a despontar o interesse sobre temas referentes à educação das relações étnico-raciais e seus desdobramentos.

Em diversos momentos se colocaram debates pelos professores e, em grande parte, por colegas de sala que acabaram fomentando um interesse genuíno pelo assunto e até mesmo um olhar, de certa forma, mais atento e sensível com relação a ele. Pode-se afirmar que o principal ponto que atua como uma espécie de virada de chave foi a participação no Programa Residência Pedagógica (PRP)¹, em 2022, que inicialmente, foi coordenado pela Professora Rosana

¹ O Programa de Residência Pedagógica é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, que tem por finalidade fomentar projetos institucionais de residência pedagógica implementados por Instituições de Ensino Superior, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação inicial de professores da educação básica nos cursos de licenciatura. Que tem como principais objetivos: 1. Fortalecer e aprofundar a formação teórico-prática de estudantes de cursos de licenciatura; 2. Contribuir para a construção da

Monteiro a qual tem sua linha de pesquisa voltada às relações étnico-raciais, e que foi uma grande encorajadora na escrita do presente trabalho. O projeto institucional proposto dentro do programa de residência para essa experiência foi sediado em uma escola municipal de Sorocaba, que chama a atenção, por práticas que inspiram e baseiam o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, na inclusão de conteúdos relativos aos aspectos históricos e culturais de povos africanos e afro-brasileiros, conforme registra a Lei nº10.639 que torna obrigatório o estudo e a abordagem da afro-cultura dentro de sala de aula, com o objetivo de que se construam intenções e ações antirracistas. Tendo como base essa influência tornou-se cada vez mais pulsante, o pensamento sobre a educação antirracista no cotidiano escolar. Orientar-se por uma educação antirracista permite questionar práticas educativas que perpetuam pensamentos, preconceitos e crenças estigmatizados às gerações futuras. A definição de educação antirracista pode ser muito bem elucidada no texto de Ferreira (2012) que se refere a como uma vasta gama de estratégias organizacionais, curriculares e pedagógicas com o objetivo de promover a igualdade racial. Reconhecendo a existência da problemática racial na sociedade brasileira e buscando permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar, não desprezando a diversidade presente no ambiente escolar.

Todo esse debate político atuou de forma pertinente em minhas reflexões sobre educação. No início deste ano, identifiquei um vídeo que, no Brasil, é recorrentemente utilizado como conteúdo interativo para crianças. Trata-se do material da “Galinha Pintandinha”, um projeto infantil de animação educacional brasileira, focado em músicas infanto-juvenis, criado pelos produtores Juliano Prado e Marcos Luporini e que é um grande sucesso audiovisual desde de 2006, quando foi criada. O que me chamou a atenção foram as representações das religiões de matriz africana, em especial a Umbanda, e os comentários ofensivos, de cunho preconceituoso, desrespeitoso e intolerante, registrados pelo público. De início é importante afirmar que tais atitudes se caracterizam como crime, segundo o Código Penal Brasileiro (Decreto-Lei 2.848/1940), em seu artigo 208 que diz:

Art. 1º O artigo 208 do decreto-lei nº 2.848 de 7 de dezembro de 1940, passa a vigorar com as seguintes alterações: “Art. 208 - Escarnecer de alguém publicamente, por motivo de crença ou função religiosa; impedir ou perturbar cerimônia ou prática de culto religioso; vilipendiar publicamente ato ou objeto de culto religioso: Pena - reclusão, de um a três anos e multa (Brasil, 1940).

identidade profissional docente dos licenciandos; 3. Estabelecer corresponsabilidade entre IES, redes de ensino e escolas na formação inicial de professores; 4. Valorizar a experiência dos professores da educação básica na preparação dos licenciandos para a sua futura atuação profissional; 5. Induzir a pesquisa colaborativa e a produção acadêmica com base nas experiências vivenciadas em sala de aula (CAPES, 2024).

A partir desse momento me debrucei para investigar qual a história e a cultura das canções que se encontram, corriqueiramente nas escolas, sobretudo fazendo um recorte para a educação infantil. Quais seriam os valores sociais que apresentamos para as crianças por meio das do conteúdo atual das canções?

Apesar de, aparentemente simples, essa prática carregar consigo uma bagagem implícita, pois é de conhecimento comum que a música e a educação infantil são indissociáveis. Em muitos momentos na escola, dentro da sala de aula, temos a presença das canções utilizadas de maneira recreativa pelas professoras não especializadas em música. Ela é utilizada de maneira comum desde o nascimento da criança a música, como forma de acalmar, inspirar e auxiliar as tarefas a serem desenvolvidas com as crianças. Transcendendo a harmonia das notas, a canção se insere dentro da música, sendo entendida como a união do texto e da sonoridade. Ao ser entendida como uma forma de linguagem torna-se um instrumento para a disseminação cultural e uma auxiliar, no entendimento de mundo da criança, fazendo o papel de socializadora, e uma ponte de conexão do professor com a criança, sendo um recurso utilizado em diversos momentos da rotina escolar. O interesse pelo refletir vem justamente dessa prática de utilização de canções, sobre como trabalhá-las para que haja uma reflexão prévia, e uma intencionalidade do docente mediador da ação. Assim, surge a ideia para o tema: Educação das relações étnico-raciais para crianças: reflexões a respeito de uma mídia musical.

1.1. Dos modos de fazer

Com o objetivo de melhor entendimento do texto há a necessidade de discorrer sobre o modo de fazer da presente monografia. De todos os modos de fazer este trabalho se divide em passagens a serem acompanhadas pelo leitor.

Na primeira parte, estabelece-se uma explanação de como se traça o meu caminho de estudante-escritora até o atual momento de escrita do trabalho de conclusão do curso e minhas motivações, colocando toda minha jornada e sentimentos, desde as motivações do curso e permanência até o estabelecimento da ideia deste tema.

A partir do presente momento se apresentam a justificativa, a importância do tema, e do observar da relação entre as canções com suas potencialidades e seus cuidados com a educação, no que tange às relações étnico-raciais. Junto a esta também se encontram os objetivos gerais e específicos da pesquisa e para isso, a metodologia escolhida para o alcance dos resultados desejados.

A terceira parte se propõe a explicar algumas inquietações prévias a respeito da temática escolhida, fazendo uma correlação entre a educação infantil, de modo a entender o conceito da infância e sua importância para as relações étnico-raciais. Em conjunto a tudo isso argumenta-se também sobre a importância da música e das canções no universo infantil.

A quarta parte refere-se às representações das novas tecnologias e das cantigas tradicionais para as crianças, atualmente, em conjunto com uma série de apontamentos a respeito do tema.

Por último, algumas considerações sobre a pesquisa e os resultados estabelecidos a partir dessa.

2 JUSTIFICATIVA

O presente trabalho configura-se como uma potência investigativa, pois para além de questionar a relação entre as canções infantis e a educação das relações étnico-raciais, observa-se as intenções das práticas pedagógicas encontradas. Ao interpretar que a música é um fator de valor cultural e age como uma socializadora da criança, torna-se de suma importância refletir sobre a bagagem cultural que há quase duas décadas, tem influenciado a educação, mediando suas atuações agentes culturais. Dessa forma, o tema: “Educação das relações étnico-raciais para crianças: reflexões a respeito de uma mídia musical.” Surge da necessidade de explorar e compreender a correlação entre essas temáticas.

A escolha deste tema foi pautada em sua relevância. Este trabalho de conclusão de curso considera contribuir com a literatura presente para formação de professores em uma tentativa de instigar novas práticas que prezem pela intencionalidade e pelo cuidado no ato da escolha das canções presentes nas rodas de canto, ou nos momentos de estudo de cantigas nas escolas. Pretende ainda refletir sobre uma educação que vise à Educação das Relações Étnico-Raciais, conforme prescrições do art.26-A da LDB. Em resumo, torna-se obrigatório o estudo da cultura e da história dos povos africanos, acrescentando também a cultura e a história dos povos originários. E ao caminhar neste sentido, a presente justificativa busca fundamentar um olhar mais atento para a correlação entre o uso de cantigas, a criança e a educação, que não apenas acadêmica, mas também no âmbito social. Este estudo tem a intenção de contribuir significativamente para a compreensão de aspectos culturais e parte em busca de referenciais a serem utilizados nas práticas educativas que sejam politicamente engajados com o debate étnico-racial e propositivos de combate ao racismo sobretudo na educação infantil.

3 OBJETIVOS

O tema escolhido para este trabalho de conclusão de curso tem a intenção de fazer uma pesquisa de cunho exploratório, um estudo inicial, que analise letras e representações imagéticas nos vídeos do Canal do Youtube “A Galinha Pintadinha” estabelecendo com elas reflexões sobre a educação das relações étnico-raciais.

Dessa forma, a pesquisa tem como objetivo geral estudar, pesquisar e refletir a relação entre o uso das canções e cantigas populares presentes no canal para com a educação das relações étnico-raciais, em especial para crianças, entendendo suas origens e correlacionando os temas educação infantil, educação étnico-racial e canções infantis.

Neste sentido, esta investigação está ancorada principalmente em documentos orientadores da infância na educação nacional: Indicadores da Qualidade na Educação Infantil (Brasil, 2009a); Contribuições dos pesquisadores à discussão sobre as ações cotidianas na educação das crianças de 0 a 3 anos (Brasil, 2009b); Estatuto da Criança e do Adolescente-ECA (Brasil, 1998); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Brasil, 1998a) e o Código Penal (Brasil, 1940).

Para que se alcance o objetivo esperado há caminhos específicos que precisam ser colocados como norteadores do trabalho. Dessa forma, os objetivos específicos de pesquisa se apresentam como:

1. Pesquisar os vídeos do canal “A Galinha Pintadinha”
2. Selecionar canções com possibilidades para o trabalho.
3. Relacionar o conteúdo e linguagem visual das cantigas com debates científicos.
4. Propor possíveis caminhos para o trabalho das canções na educação infantil, em perspectiva confluyente com a educação das relações étnico-raciais.

4 METODOLOGIA

A pesquisa tem um caráter exploratório e analítico, sendo utilizados para investigar fenômenos complexos da realidade educacional, representando um processo metodológico flexível que possibilita triangular os dados de diferentes formas como colocado por Silmara Lösch, Carlos Alberto Rambo, Jacques Lima Ferreira (2023), e está ancorado na abordagem qualitativa de características semelhantes como definidoras principais do modo de fazê-la.

Esta é uma investigação qualitativa que explora e analisa canções infantis, na perspectiva da educação das relações étnico-raciais. A abordagem qualitativa tem foco na compreensão de fenômenos sociais, culturais ou comportamentais a partir de dados não numéricos, visando explorar as percepções, motivações, significados e experiências correlacionadas ao tema da pesquisa. Essa fundamentação tem como base os textos de Heloisa Helena T. de Souza Martins (2004, p.289) que diz:

A pesquisa qualitativa é definida como aquela que privilegia a análise de microprocessos, através do estudo das ações sociais individuais e grupais, realizando um exame intensivo dos dados, e caracterizada pela heterodoxia no momento da análise. Enfatiza-se a necessidade do exercício da intuição e da imaginação pelo sociólogo, num tipo de trabalho artesanal, visto não só como condição para o aprofundamento da análise, mas também — o que é muito importante — para a liberdade do intelectual (Martins, 2004. p. 289).

Metodologicamente, houve a realização de um levantamento sobre os canais com mais inscritos na plataforma do Youtube utilizando como métrica o site SocialBlade² mapeando os mais populares voltados ao público infantil. Em um segundo momento, foi escolhido o Canal “A Galinha Pintadinha” que chama atenção pela quantidade de visualizações e pelo utilizar de canções populares em seu conteúdo, quando houve o consumo dos vídeos encontrados no canal e a seleção das canções a serem utilizadas para a pesquisa, tendo como base sua relevância, levando em consideração as letras e representações imagéticas, para a discussão na educação das relações étnico-raciais.

Depois, foram identificadas as fontes documentais de relevância sobre o tema por meio de busca sistemática em bases de dados acadêmicos e institucionais, sendo estas: *Google Scholar*, *Scielo* e, principalmente, repositórios da Universidade Federal de São Carlos, Universidade de São Paulo a fim de encontrar trabalhos que dialoguem com o tema.

Dos artigos encontrados, alguns autores como Fúlvia Rosemberg (1976), Cristina Teodoro, Fabiana Oliveira e Maria Walburga dos Santos (2023), Vanessa Garcia e Santos

² Disponível em: <https://socialblade.com/youtube/top/country/br/mostsubscribed>

(2023) embasaram o conceito de infância e suas múltiplas vivências. José Geraldo Moraes (2000), Marcos Melo (2019), Maria da Glória Gohn (2010) para pincelar sobre os conceitos musicais e sua importância na educação. Lev Vygotsky (1998) para o conceito de linguagem e Paulo Freire (1991) para estabelecer o conceito de visão de mundo. Também bel hooks (2013) e Gersem Baniwa (2006) com contribuições na área das relações étnico-raciais.

Em resumo, a combinação da pesquisa exploratória a respeito do tema e do método qualitativo possibilitaram investigar o processo das relações presentes na interseção entre os três pilares: canções infantis, educação infantil e educação das relações étnico-raciais que guiam o trabalho, e assim permitem que sejam possíveis o traçar resultados a partir deles.

5 INQUIETAÇÕES PRÉVIAS A RESPEITO DO TEMA

Para pensar a Educação Infantil é importante delimitar, brevemente o que é a infância e refletir sobre o protagonismo dela dentro da escola, da sala de aula e, principalmente no processo de ensino e aprendizagem, não deixando de pautá-las no recorte da educação das relações étnico-raciais. Como colocado por Rosemberg (1976, p, 1467): “(...) *na sociedade centrada no adulto, a criança não é. Ela é um vir a ser. Sua individualidade mesma deixa de existir. Ela é potencialmente a promessa*”. A criança como sujeito histórico de direitos é atravessada, interseccionalmente, por diversos aspectos e pautas que marcam sua infância. Essa afirmativa pode ser observada em “Infâncias e interseccionalidade: marcadores sociais e experiências de vida de crianças negras” onde as autoras Cristina Teodoro, Fabiana de Oliveira e Maria Walburga dos Santos (2023), enfatizam que o modo de olhar e de compreender o momento da infância vai além de algo universal, padronizado e normatizado, não ignorando as vivências das demais crianças como negras, indígenas, entre outras. A infância se coloca como algo interseccional e que depende de diversos parâmetros que fogem de uma forma romântica e eurocentrada de vê-la. Como dizem as autoras Teodoro, Oliveira e Santos (2023, p. 7 e 8) que:

A partir do enfoque dos Estudos Sociais da Infância, especificamente, da Sociologia da Infância, compreendemos que a infância pode ser tanto estrutural, por existir em contextos de qualquer sociedade e possuir aspectos em comum quanto geracional e, portanto, plural. Ou seja, a forma como cada criança está inserida nos espaços sociais difere, já que, é necessário considerar o seu pertencimento racial, idade, etnia, classe, religião, gênero, deficiência, região geográfica etc. Dessa forma, as questões etárias e de raça, bem como classe, origem, gênero etc. são marcadores sociais da diferença e constituem-se como sistemas de opressões

Em concordância com a passagem anterior pode-se assumir que a infância é o período primeiro da vida e que ela é atravessada por diversos aspectos que a compõem como um todo e que a caracterizam como individual e com múltiplas vivências a depender do social, racial e de gênero. São essas vivências e a coerções sociais que constituem a estrutura social da vida das crianças.

Em contraposição a construção da personificação da criança ideal, que atende as expectativas dos poderes hegemônicos, podemos pensar as infâncias em suas reais demandas e complexidades, fugindo assim das generalizações que não só limitam como excluem identidades. Os olhares para as múltiplas infâncias possibilitam, além de outros aspectos, a imprescindível consideração do contexto histórico, cultural e social brasileiro, estruturada a partir de relações raciais desigual (Garcia e Santos, 2023, p. 4).

Instaurado o conceito e uma infância que não é padronizada e que é atravessada por aspectos diversos, coloca-se a relação desta com a educação infantil que, depois do berço

familiar, é um espaço de primeiras interações sociais, agindo como uma socializadora do ser. Olhando a partir desta perspectiva, se faz mais que possível e necessário, o pensar e o propor de ações mais potentes de aprendizagens que ensinem à criança maior autonomia, intencionalidade e responsabilidade tendo como objetivo desenvolver seus aspectos físicos, intelectuais e morais para sua socialização.

A socialização da criança não é um processo somente de internalização de conceitos e aprendizagens ou uma questão de simples imitação, é também um processo de apropriação, reinvenção e de reprodução, em que a criança busca criativamente informações do mundo adulto para produzir suas próprias culturas, singularidades e subjetividades. As crianças não estão numa relação passiva com o mundo social, elas assumem uma postura ativa de influenciar o meio, recriando esse mundo social, em uma relação em que elas impactam a vida dos adultos e de seus pares por meio de uma forma peculiar de se organizar e elaborar a transformação do meio que perpassa o individual, mas tem uma atuação enquanto grupos, um modo de existir coletivo (Melo Silva, 2023, p. 16).

A escola, como se constitui hoje, ainda é composta por materiais, livros, brinquedos e canções majoritariamente voltados para a “branquitude”, marcando as vivências e infâncias as quais não é destinada e que apresenta desigualdades.

A participação da pessoa negra na sociedade brasileira não ocorre de forma igualitária entre negros/as e brancos/as. Os estudos apresentam desigualdades sociais existentes desde o início da escolarização, nos setores do trabalho, na mobilidade social. Há ainda denúncias de situações de preconceito e racismo nas escolas, manifestadas no currículo, nos livros didáticos, na literatura infanto-juvenil, nas práticas pedagógicas, no desempenho dos alunos em sala de aula etc. (Souza e Santos, 2023, p. 3).

Com esses marcadores da infância sendo presenciados na escola se faz necessária a proposição de caminhos para trabalhos que transcendam a esse pensamento, instaurado há muito, no ambiente escolar. O trabalhar das relações étnico-raciais, em específico na educação infantil, é agir de maneira afirmativa sobre a socialização de um sujeito histórico e direitos, como previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente, Lei Nº 8.069 (Brasil, 1998). O resgatar da história cultural é importante para as crianças pertencentes a 55,9% da população brasileira que se considera não branca, segundo a pesquisa de Censo de 2022 produzida pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2022), que tem direito de conhecer a cultura de seu país e suas origens, que sofre de uma forte repressão, desvalorização e sobretudo embranquecimento da mesma.

Apesar do reconhecimento da necessidade do trabalho da EREER nas escolas ainda é um fato que caminha com muita luta, há de se construir de um currículo que abranja de maneira mais aprofundada o estudo dessas relações e formas de trabalho com elas que não apenas

orientações a respeito do tema, apesar de garantidos pelas leis 10.639/03 (Brasil, 2003) e nº11.645/08 (Brasil,2008) ainda há falta na formação dos professores a abordagem do tema para o despertar de práticas mais ativas neste sentido. Em suma, essa discussão e apontamentos têm sido colocados pela pressão de movimentos e ativistas negros, e por documentos a respeito do tema como o Parecer CNE/CP nº 3/2004 (Brasil 2004), que traz, pesquisadora e ativista da área, Petronilha Gonçalves e Silva como relatora, por exemplo, para essa mudança estrutural que se faz necessária, como explica hooks (2013, p. 51-52) da seguinte forma:

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não-brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores - em todos os níveis do ensino fundamental à universidade -, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. Isso vale tanto para professores não-brancos como para os brancos. A maioria de nós aprendeu a ensinar imitando esse modelo. [...] Os educadores têm de reconhecer que qualquer esforço para transformar as instituições de maneira a refletir um ponto de vista multicultural deve levar em consideração o medo dos professores quando se lhes pede que mudem de paradigma. É preciso instituir locais de formação onde os professores tenham a oportunidade de expressar seus temores e ao mesmo tempo aprender a criar estratégias para abordar a sala de aula e os currículos multiculturais.

Embora ainda haja muito a se conquistar em relação a educação antirracista tracemos estratégias de trabalho que possam ser utilizadas a fim de que se iniciem práticas afirmativas a respeito dessas questões. A começar com as crianças, que são produtoras de cultura e consumidoras desta, propõem-se então o trabalho inicial a partir da música, em específico sobre as canções presentes no cotidiano infantil contemporâneo.

A música compõe a vida do ser humano, e estamos cercados por ela de diferentes maneiras, desde muito cedo, e tendo ainda mais acesso com o uso das novas tecnologias. Para Gohn (2010) a música é uma maneira histórica de se comunicar que percorre o tempo e o espaço, ela tem uma intensa relação com o brincar que age como forma de preservação social e histórica e ao pensar sobre a educação infantil é possível dizer que ambas, educação infantil e música, são indissociáveis.

O trabalho com a música está garantido na educação infantil e está inserido em referenciais oficiais como a LDBEN (Brasil, 1996) e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (Brasil, 1998a) e tem importância para o desenvolvimento pleno das crianças. Porém, embora garantido, este não é o mesmo que se insere no cotidiano de uma sala de aula de primeira infância, que em muitos momentos faz da canção presente uma forma de acalmar, no trabalho com o foco, memorização, na chamada de atenção da turma para uma atividade, entre outras maneiras de utilizá-la.

Apesar das melhores intenções das professoras, ainda há uma falta de trabalho musical que seja trabalhado por professores especialistas em música para que não recaia sobre o professor não especialista essa responsabilidade, ou prepara-lo, por meio de sua formação para o trabalhar dessas atividades de maneira reflexiva. Como colocado pela autora Teca de Alencar Brito (2003), coloca-se sobre essas questões o conceito de uma música “Viva” a ser trabalhada em sala de aula, fugindo assim das músicas prontas. Ainda é perceptível uma concepção de ensino que utiliza a canção como suporte para uma aquisição de conhecimento no sentido de formar hábitos, atitudes, disciplina e condicionamento da rotina ou de comemorações diversas (Brito, 2003).

Dessa forma a canção pode ser entendida como uma forma de linguagem, mesmo que de maneira simbólica e ou subjetiva. Com ela o professor consegue se comunicar com a criança de maneira mais lúdica, mediando o processo de ensino e aprendizagem. Para os pequenos ela representa uma forma de expressão que os integra ao meio em que se encontram e que possibilita seu desenvolvimento de maneira integral.

Ao entender a música e canções como formas de linguagem é possível traçar um paralelo e relacioná-lo às concepções teóricas de Vygotsky (1998) em seus ensaios sobre linguagem e arte. A linguagem é um elemento primordial para que a criança alcance sua evolução enquanto sujeito, não somente social, cultural e histórico, mas principalmente no que se refere a aspectos de seu cognitivo, ou seja, seu pensamento e racionalidade. Sendo a música uma forma de linguagem e manifestação artística direta ela dialoga diretamente com os pequenos promovendo uma facilidade de memorização, que é proporcionada através do ritmo e das rimas também, trabalha de maneira a desenvolvê-los de maneira integral como indivíduos. Sobretudo é de importância ressaltar que não há como separá-la de sua bagagem cultural existente que antecede nosso nascimento e que prossegue após ele. Como dito pelo autor: “*A arte é o social em nós*” (VYGOTSKY, 1998, p. 315).

A interação social para o autor é compreendida como uma forma de construção do ser a partir do compartilhar de experiências para com o outro. Em outras perspectivas que interligam a linguagem e a leitura de mundo, Paulo Freire (1991) coloca que as crianças utilizam daquilo que conhecem muito antes de se utilizarem da linguagem oral e escrita:

É preciso não esquecer essa evidência: as crianças pequenas, bem antes de desenhar e traçar letras, aprendem a falar, a manipular a linguagem oral. Por intermédio da família, leem a realidade do mundo antes de poderem escrever. Em seguida apenas escrevem por que já aprenderam a dizer. [...] essa primeira leitura do mundo que leva criança a exprimir, mediante signos sons, o que ela aprendeu do universo que é certo. (Freire, 1991, p.4)

Dessa forma, a música e educação infantil se entrelaçam, sendo ambas socializadoras e compostas por bagagens que atravessam a criança e que influenciam sua visão de mundo. Leite (2021) se coloca sobre a utilização da música para as crianças fortalecendo a defesa da utilização desta nas práticas da educação infantil.

5.1 Em perspectivas atuais...

Fazendo-se um paralelo com a atualidade é importante observar que a música constitui parte da história, e é uma maneira de relatar acontecimentos por vias de linguagem que antecedem até mesmo a escrita. Ela percorre a história acompanhando os períodos do ser humano e na contemporaneidade não seria diferente. As produções voltadas as crianças sempre tiveram espaço, seja nos televisores ou na rádio, fazendo-se presente em programas de canais abertos ou em produções musicais de cantores e grupos musicais que imperaram a partir dos anos 90. Com o aparecimento da internet e das novas tecnologias a música e o audiovisual são produzidos de uma maneira mais condensada.

Com base no texto de Holzbach (2018) pode-se afirmar que na história da mídia, em geral, as animações são criadas depois da criação do cinema, e tendo grande apelo às crianças foi tomando espaço nos televisores e nas casas da população em geral. Tendo iniciado por *The Walt Disney Company*³ esse império construído a partir de desenhos foi acompanhado por outros como *Hanna-Barbera*⁴ e que fizeram as bases do conteúdo animado infantil que imperou por muito tempo nas televisões abertas do país até meados dos anos 2000.

Com a criação da internet e, mais tardiamente, do *Youtube*, houve uma queda por esses produtos e uma procura por vídeos mais curtos. A influência das mídias sobre as crianças pode ser também observada no texto de Henry A. Giroux (2001), no qual o autor escreve sobre a relevância dos filmes infantis, que ultrapassam as fronteiras do divertimento, exercendo o papel de novas "máquinas de ensinar", inspirando autoridade cultural e legitimidade para ensinar papéis sociais, valores e ideais, como locais mais tradicionais de aprendizagem.

Com a revolução das plataformas digitais audiovisuais como *Youtube* foi possível o ganhar de uma visibilidade do grande público de produções visuais independentes, sem necessariamente uma grande produção ou algum tipo de vigilância.

³ *The Walt Disney Company*: conhecida simplesmente como Disney, é uma companhia multinacional estadunidense de mídia de massa.

⁴ *Hanna-Barbera*: foi um estúdio de desenho animado fundado em 1957, sendo, em 2001, adquirido pela *Warner Bros.*

Atualmente há uma grande quantidade de canais que se voltam ao conteúdo infantil, como os irmãos Neto,⁵ por exemplo, que ganharam fama produzindo conteúdo que ao longo dos anos se tornou infantil, e que compõem, cada um com seu canal, lugares entre os canais com mais inscritos da plataforma. Observa-se nesses canais infantis, como há uma construção de personagens e de uma ambientação para eles, construindo um universo próprio do desenho que acompanha e reforça a narrativa apresentada, a serem estudados como uma premissa expansiva de negócio, com uma preocupação também na apresentação de personagens inseridos como forma de representatividade de diversas formas e etnias. Em geral, canais como Mundo Bitá⁶, Bob Zoom⁷, Patati Patata⁸, entre outros, têm criado suas próprias canções a partir do cotidiano infantil e das orientações de comando, como acordar, escovar os dentes e ir para a cama, mas outros têm se direcionado a canções e cantigas populares já existentes anteriormente, trazendo à tona e se colocando sobre elas em diversos aspectos.

Nesse sentido, nos debruçamos sobre o projeto “Galinha Pintadinha”, que inicialmente foi pensado para os canais abertos de televisão, porém, sua rejeição pelos canais abertos, em 2006 levou os produtores a distribuir as produções em plataforma de vídeos. Em menos de seis meses o projeto havia se popularizado, contabilizando milhares de visualizações, o que resultou na formação de uma produtora independente que se transformou no entretenimento de crianças de 0 a 3 anos, com uma narrativa transmidiática formada por vídeos musicais, vídeos de histórias, livros, DVDs, brinquedos e mais de 600 produtos licenciados. A análise do canal instaura-se por sua longevidade, por suas métricas⁹ expressivas, por ser pioneiro no sentido de se dirigir a um público infanto-juvenil e, principalmente, pela utilização de tradicionais cantigas brasileiras, presentes no imaginário popular.

Há muito chama a atenção no universo do desenho, não apenas pelo conteúdo com grande impacto visual, além das piadas internas presentes nos vídeos, como a banda de baratas chamada Naftalinas¹⁰, mas principalmente pelas polêmicas associações estabelecidas entre a representação de alguns dos personagens do Projeto Galinha Pintadinha e representações de entidades sagradas para religiões de matriz africana, como a Umbanda causam comentários nas redes sociais, a respeito das representações imagéticas e dos conteúdos.

⁵ Dupla de irmãos produtores de vídeo para o público infanto-juvenil.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UC0cGVh96osM7yqMu0ENSKKQ>

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/BobZoomClub>

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCzqxxPUa6KTLyMpZsQMjzaQ>

⁹ Disponível em: <https://socialblade.com/youtube/top/country/br/mostsubscribed>

¹⁰ A Naftalina: repelente natural que já foi vastamente utilizado por donas de casa em armários e gavetas como repelente de traças e baratas.

5.2 A respeito das representações imagéticas e dos conteúdos

A polêmica das representações imagéticas de conteúdos surge a partir de trajes de movimentos, como o da “malandragem, referindo-se a uma representação estereotipada, como a do carioca chamado Zé Pilintra (Figura 3), cuja entidade faz parte das crenças Catimbó e Umbanda, considerado parte da linhagem dos malandros e uma das mais importantes entidades dos cultos afro-brasileiros, com sua vestimenta representada por um terno de linho na cor branca, chapéu e gravata vermelha que se coloca como patrono dos bares, ambientes de jogos e ruas. Para Carneiro (2012, p. 40):

Zé Pelintra e todos os malandros cultuados seriam correlatos religiosos de uma figura popular do nosso imaginário: o característico malandro da Lapa, idealizado na primeira metade do século XX. No entanto, o mínimo de aproximação com o terreiro é suficiente para demonstrar que tal identificação não corresponde a uma associação simples, estática e isenta de contradições. É preciso assinalar que Zé Pelintra é um malandro sacralizado. É alvo de culto em distintas manifestações religiosas do campo afro-brasileiro, como o catimbó e a umbanda. E o fato de ser cultuado em modalidades religiosas marcadas pela centralidade da possessão impõe a Zé Pelintra inúmeras peculiaridades.

Assim, as supostas representações de Zé Pilintra (Figura 1), repercutem sobre o Projeto Galinha Pintadinha em outras redes, surgindo nas músicas “Mestre André” (Figura 2) e “Pombinha Branca” (Figura 3) ambas pela representação das personagens.

Não há confirmação dos produtores dos vídeos que se refiram a esses assuntos, ficando a critério da perspectiva de quem os assiste, sendo assim, ou seja, as interpretações são livres, e os vídeos do canal no Youtube têm seus comentários desativados.

Figura 1 - Representação de Zé Pilintra.



Fonte: <https://historiablog.org/2023/07/08/ze-pelintra-o-advogado-dos-pobres-e-patrono-dos-malandros-na-umbanda-e-no-catimbo/>. Acesso 21 de maio de 2024.

Figura 2 - Representação do Mestre André em A Galinha Pintadinha



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=lTMp-4IZaeA> minutagem 0:36. Acesso em 07 de ago. de 2024.

Figura 3 - Representação da Pombinha Branca



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=bIKo3BGfWvA>. Minutagem 0:19. Acesso em 23 de maio de 2024.

Na canção “Pombinha Branca” (Figura 3) o principal foco está nas vestes do pretendente da personagem principal, no videoclipe e quando a canção se refere a:

[...]
Passou um moço de terno branco,
Chapéu de lado meu namorado

A representação do “namorado” citado na canção está relacionada aos trajes do malandro, representação estereotipada do carioca, assim como a do Zé Pilintra, descrita por Carneiro (2012, p. 40) citada anteriormente.

Outro exemplo de canção que sofreu para além da representação imagética do personagem pelas características e com essa livre interpretação dos internautas foi “Na loja do Mestre André” (Figura 2) que diz:

Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um pianinho
Plim, plim, plim, um pianinho
Ai olé, ai olé!
Foi na loja do Mestre André!

Além das vestimentas, a expressão “Ai olé, ai olé” pode ser assimilada com a palavra Laroyê¹¹, pela similaridade sonora da expressão com a palavra. São colocações que podem ser vistas como infundadas e ofensivas. Algumas pessoas optam pela retirada do conteúdo para seus filhos, por conta dessas representações, o que confirma que há um longo trabalho em relação à falta de conhecimento e/ou de respeito às religiões diferentes do cristianismo.

O pensar das canções e do conhecimento de suas origens se faz importante, pois houve, com o passar do tempo, uma desvinculação das canções populares, principalmente as que têm ligação com religiões de matriz afro-brasileira com suas origens e significados. A perda de sua cultura inicial, processo comum no compartilhamento verbal, pode ser observado em algumas canções como “Marinheiro só”:

Eu não sou daqui, marinheiro só
Eu não tenho amor, marinheiro só
Eu sou da Bahia, marinheiro só
De São Salvador, marinheiro só

Na canção “Quem te ensinou a nadar?” :

Quem te ensinou a nadar
Foi, foi marinheiro
Foram os peixinhos do mar

¹¹ Expressão utilizada na Umbanda como forma de cumprimento.

As canções infantis citadas têm ligação direta com pontos¹² da religião de Umbanda. Historicamente, esta religião teve suas origens no Brasil, no século XX, constituindo-se como uma religião afro-brasileira. Em concordância com o texto “O Ponto Cantado de Umbanda como fonte para o Ensino de História”, no qual os autores Soares da Silva e Eustáquio Prates (2020) colocam que o estudo dos pontos pode ser lido como uma maneira de estudar a história do Brasil, dito que os pontos cantados trazem narrativas que contam marcas do passado e da ancestralidade, assumindo um papel de rememoração da própria da religião e dos negros, também da história, cultura e da religiosidade brasileira.

Tanto Umbanda, assim como outras religiões, se instauraram, mesclando ritos e preceitos com os santos católicos, como estratégia para a aceitação na sociedade da época. Para Cumino (2010, p. 104) “[...] o território perdido na diáspora africana é celebrado por meio da oralidade dos cânticos e do mundo simbólico dos terreiros. Na gira, os povos de santo resgatam, através dos cânticos, seu universo referencial”.

Dessa forma, há outras canções que são colocadas como “Mãezinha do céu” sendo conhecida como canto para Nossa Senhora Aparecida¹³ e como ponto dos Erês¹⁴. Com essa mistura entre as religiões e as cantigas populares no Brasil, foram, ao longo do tempo, também afetadas pelo embranquecimento da cultura afrodescendente e desconectadas de suas origens e significados.

5.3 Analisando o conteúdo

Algumas canções populares passarem pelo processo de embranquecimento de suas letras e significados, justamente em uma tentativa da conservação destas diante a uma repressão da cultura dos escravizados. Como exemplo disso podemos citar a canção “Escravos de Jó”:

Escravos de Jó
Jogavam caxangá
Tira, bota, deixa ficar
Guerreiros com guerreiros fazem zigue-zigue-zá

Segundo Castro (2005) utilizando da etimologia da palavra os termos “injó” ou “unzó” em banto significa “da casa” e em quicongo “njó, jinjó”, sendo casa e o conjunto dos seus moradores. Se referindo aos escravizados domésticos. O Caxangá, faz referência a um jogo

¹² Pontos de Umbanda: cânticos ritualísticos consagrados e entoados pelos sacerdotes músicos da Umbanda (Silva e Prates, 2020).

¹³ Divindade no Catolicismo

¹⁴ Erê: Na Umbanda os Erês são espíritos de crianças.

antigo, feito com sementes e muito popular na Angola. O sentido da canção se perde dentro da cultura brasileira e varia de acordo com a região. Como exemplo, o material de apoio disponibilizado pela Secretaria de Educação do Espírito Santo que liga a origem dessa atividade com o personagem bíblico Jó.

Jó é um personagem bíblico do antigo testamento que possuía uma grande paciência. [...] Nada indica que Jó tinha escravos e muito menos que jogavam o tal caxangá. Acredita-se que a cultura negra tenha se apropriado da figura para simbolizar o homem rico da cantiga de roda. Os guerreiros que faziam o zigue zigue zá, seriam os escravos fugitivos que corriam em ziguezague para despistar o capitão-do-mato. O mais difícil de entender é o que seria o caxangá. Segundo o dicionário Tupi-Guarani-Português, a palavra vem de caá-çangá, que significa "mata extensa" (SEdu ES, 2024).

Essas divergências são comuns e demonstram que há falta de informações sobre a origem das cantigas. Apesar de haver muitos materiais sobre o uso da canção dentro da educação infantil de maneira positiva para o trabalho da sonoridade, memorização e coordenação motora, se faz necessário estudos que se voltem a essa relação com a história.

Como demonstrado por Melo (2019) o repertório musical pode ensinar, em muito, na educação da infância em relações de estabelecimento de gênero, performance do feminino e masculino, relações familiares. Fazendo um recorte sobre a educação das relações étnico-raciais se faz necessário a adaptação das práticas, neste caso das músicas. O que se propõe neste caso é a alteração de sua letra para “Guerreiros Nagô” sendo a sonoridade mesma, em uma nova versão:

Guerreiros Nagô
Jogavam caxangá
Salta, gira, deixa
Zabelê ficar
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue zigue zá

Tendo como justificativa a necessidade de uma nova versão é contemplada pela fala de Munanga (2005 e 2006):

Em primeiro lugar, a existência do chamado ‘escravo’ não é razão para aceitar a escravidão. Em qualquer circunstância, a escravidão é uma instituição desumanizante e deve ser condenada. O homem nasce livre até que alguém o escravize. Portanto, o próprio conceito está errado. O correto é ‘escravizado’, não ‘escravo’. Não há uma categoria de escravo natural. Porém, esse conceito já está enraizado na literatura.

Essa troca de estrofes para novos significados pode ser observada também no canal “A Galinha Pintadinha”. É costume de os criadores da animação alterarem as letras das canções. Em algumas delas é possível notar um certo “cuidado” com as palavras, atentando-se a questões pautadas nos dias de hoje. Isso acontece na canção “Atirei o pau no gato” com a adição da estrofe “Não podemos maltratar os animais, jamais!” Esta é uma tentativa de amenizar o

conteúdo da cantiga, como também em “Samba lelê”, com a mudança de “Samba lelê precisava de umas boas palmadas” para “Samba lelê precisava de umas boas lambadas”. Nota-se nesses casos uma preocupação com essas mudanças para uma nova geração que se atenta mais às questões de violência para com os animais e crianças.

5.4. As representações visuais

Apesar da tentativa de uma correção das canções originais com essas modificações ainda há muito a se trabalhar no sentido da representação das religiões, e para além disso a respeito dos povos afrodescendentes e originários. Um exemplo dessa questão pode ser notada na canção “Os indiozinhos” (Figura 4 e Figura 5) que se refere à cantiga “Indiozinhos” e diz:

Um, dois, três indiozinhos
[...]
Dez num pequeno bote
Iam navegando pelo rio abaixo
Quando um jacaré se aproximou
E o pequeno bote dos indiozinhos
Quase, quase virou.

A questão inicia-se como na cantiga anterior, na utilização da palavra “Indiozinho” ao se referir aos povos originários, essa ainda é uma utilização comum da palavra, porém equivocada, como dito por Baniwa (2006, p. 29):

A denominação índio ou indígena, segundo os dicionários da língua portuguesa, significa nativo, natural de um lugar. É também o nome dado aos primeiros habitantes (habitantes nativos) do continente americano, os chamados povos indígenas. Mas esta denominação é o resultado de um mero erro náutico. O navegador italiano Cristóvão Colombo, em nome da Coroa Espanhola, empreendeu uma viagem em 1492 partindo da Espanha rumo às Índias, na época uma região 30 da Ásia. Castigada por fortes tempestades, a frota ficou à deriva por muitos dias até alcançar uma região continental que Colombo imaginou que fossem as Índias, mas que na verdade era o atual continente americano. Foi assim que os habitantes encontrados nesse novo continente receberam o apelido genérico de “índios” ou “indígenas” que até hoje conservam. Deste modo, não existe nenhum povo, tribo ou clã com a denominação de índio. Na verdade, cada “índio” pertence a um povo, a uma etnia identificada por uma denominação própria, ou seja, a autodenominação, como o Guaraní, o Yanomami etc. [...] Desde a primeira invasão de Cristóvão Colombo ao continente americano, há mais de 508 anos, a denominação de índios dada aos habitantes nativos dessas terras continua até os dias de hoje. Para muitos brasileiros brancos, a denominação tem um sentido pejorativo, resultado de todo o processo histórico de discriminação e preconceito contra os povos nativos da região. Para eles, o índio representa um ser sem civilização, sem cultura, incapaz, selvagem, preguiçoso, traiçoeiro etc. Para outros ainda, o índio é um ser romântico, protetor das florestas, símbolo da pureza, quase um ser como o das lendas e dos romances.

Para além da utilização da palavra, durante a análise de conteúdo do canal, que é organizado primeiramente como um vídeo, sendo feito logo, um compilado de músicas que compunham os antigos DVDs, acompanhados com vídeos curtos das canções separadamente, a canção “Os indiozinhos” não se apresenta na versão curta, apenas compõe o compilado em “A Galinha Pintadinha 1”. Supostamente isso ocorre por conta da representação dos povos originários de maneira estereotipada no vídeo em questão, mas há de se acreditar que, em especial por conta de uma alteração que passa despercebida e que não altera o sentido da cantiga, quando isolada de sua representação imagética. A troca em questão acontece na estrofe “E o pequeno bote do indiozinho quase virou” para “E o indiozinho olhou para baixo e o bote quase virou”. Sendo este que “olhou para baixo” representado da seguinte forma, na Figura 4, em que é possível notar que apenas um deles estaria olhando para baixo durante o vídeo se tem a percepção de que o décimo seria o que “olhou para baixo” sendo colocado como o grande responsável por quase virar o bote, por não saber remar, e representado de maneira diferente dos outros, com dentes desalinhados, cabelo bagunçado, e pena torta como indicativos de algo errado com ele. É por meio de representações como essas que se reforçam alguns estereótipos que os educadores devem se voltar. Não há inocência na concepção da representação de personagens desse tipo, ainda mais para crianças pequenas.

Figura 4 - Representação dos povos originários I



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5P8GcCpmGYQ>. Minutagem da canção 6:44. Acesso em 07 de agosto de 2024

Figura 5 - Representação dos povos originários



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=5P8GcCpmGYQ>. Minutagem da canção 7:51. Acesso em 07 de agosto de 2024

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Partindo para rumos da finalização do trabalho, mas longe do encerramento da discussão, defendemos que o conceito de infância, que é individual, e atravessado por aspectos sociais e de raça. Dessa forma, há a necessidade de práticas educativas afirmativas que se insiram desde a educação infantil, tendo como objetivo o reconhecimento da história embranquecida e mostrando outras perspectivas. Ao admitir a ligação entre a música e a educação infantil, afirma-se que a música, se utilizada de maneira consciente, mesmo pelas professoras não especializadas, no cotidiano tem muito a contribuir para o ensino das relações étnico-raciais como caminhos para trabalhos com as crianças.

Com o consumo dos vídeos do projeto “A Galinha Pintadinha” na rede do Youtube foi possível perceber que, em sua maioria, as canções são adaptações ou regravações das cantigas tradicionais. E que tanto em seu conteúdo escrito das canções, como em sua representação imagética, há alguns pontos a serem analisados para o trabalho da educação das relações étnico raciais para crianças, que são o principal público alvo desse conteúdo.

Dessa forma, o selecionar das canções para sua análise foi possível e colocado sob a perspectiva do conteúdo das letras e por seus videoclipes musicais, e em alguns casos a intersecção de ambos. Sendo apontados durante esse processo, cuidados e potencialidades a partir dessas canções para ações afirmativas que trabalhem no sentido de uma educação antirracista e sem preconceitos.

Assim ao compreendê-las e relacioná-las a partir de seus conteúdos e linguagem visual com os debates científicos presentes pode-se notar a presença da utilização de representações estereotipadas dos personagens e utilização de palavras equivocadas, como é o caso das palavras “índio” e “escravo” utilizados em algumas canções assim como também há outras características dos personagens que se colocam através de alegorias criadas no imaginário popular e que acarretam em ações “racistas” por meio dos usuários.

Para propor possíveis caminhos para o trabalho das canções na educação infantil, em perspectiva confluyente com a educação das relações étnico-raciais. Defendemos que há caminhos possíveis para o trabalho dessas na educação infantil, e que se potencializa na utilização consciente das canções.

Se faz necessário um olhar mais atento do adulto socializador em relação às canções contidas no presente trabalho. A falta dessa sensibilidade para com essas relações afeta a prática do trabalho do cantar mesmo que de maneira recreativa e corriqueira, pois ao trabalhar de forma

consciente e intencional há uma série de possibilidades de micro ações afirmativas a serem estabelecidas que se tornam potencialidades para o estabelecimento de uma educação antirracista e que utilize esta pesquisa exploratória e outras como um caminho aberto para abordar desde cedo a miscigenação cultural.

Dessa forma os valores sociais apresentados as crianças por meio das do conteúdo atual das canções são ainda muito afetados por estereótipos e práticas impensadas que reforçam de pensamentos não liberadores dos marcadores sociais padrões que atravessam a sociedade como um todo e com isso também a infância. Há uma importância de grande valor nas alterações dos conteúdos das cantigas, no sentido de reiteração dessas características negativas. A representação visual por exemplo é uma das vias mais fortes para o trabalho com as crianças pequenas e há também trabalhos outros que caminham junto com a educação das relações étnico-raciais a serem levados em consideração como o trabalho do grupo Tempos de Brincar, Cirandas dos Orixás, uma homenagem às tradições e matrizes afro-brasileiras, que conta com canções originais e ritmos como o ijexá, jongo, samba de roda, afoxé, maxixe e tambu

REFERÊNCIAS

- BANIWA, G. dos S. L.. **O Índio Brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.
- BRASIL. PARECER CNE/CP n° 3 de 17 de junho de 2004. **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileira e Africana**. Brasília - DF
- BRASIL, MEC, SEB, COEDI. **Indicadores da qualidade na Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009a.
- BRASIL, MEC/SEB/COEDI; BARBOSA, M^a. C. S. (et. al.). **Contribuições dos pesquisadores à discussão sobre as ações cotidianas na educação das crianças de 0 a 3 anos**. Brasília: MEC/SEB, 2009b.
- BRASIL. **Código Penal**. Decreto-Lei n° 2.848, de 7 de dezembro de 1940.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA)**. Lei n.º 8.069 de 13 de julho de 1990. Brasília, MEC/SEB, 1998.
- BRASIL, CNE, **Câmara de Educação Básica**. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Parecer 22/98, aprovado em 17 de dezembro de 1998a.
- BRASIL. **Lei 11.645/08** de 10 de março de 2008. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília. 2008.
- BRASIL. **Lei 10.639/03** de 09 de março de 2003. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 2003.
- BRITO. Teca Alencar de. **Música na educação infantil**. Propostas para formação integral da criança. São Paulo. ed. Peirópolis. 2003.p.17 -148.
- COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR - CAPES. **Programa de Residência Pedagógica - RP CAPES**. Disponível em: <https://www.gov.br/pt-br/servicos/obter-bolsa-do-programa-de-residencia-pedagogica>, Acesso em: 14 ago. 2024.
- CARNEIRO, Janderson Bax. “Vou subir o morro para ver quem vem na Umbanda”. Zé Pelintra e as ressignificações do malandro na prática religiosa umbandista. **Dissertação Mestrado em Ciências Sociais**, Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica - PUC, 2012. Orientação de Sonia Maria Giacomini. Disponível em: http://www.maxwell.vrac.pucRio.br/Busca_etds.php?strSecao=resultado&nrSeq=2144_8@1, Acesso em: 14 ago. 2024.
- CUMINO, Alexandre. **História da Umbanda** – Uma Religião Brasileira. São Paulo, Madras, 2010.
- FREIRE, P.; CAMPOS, M. D.'Oln. **Leitura da palavra...** leitura do mundo. 1991.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Educação antirracista e práticas em sala de aula: uma questão de formação de professores.** R. Educ. Públ., Cuiabá, v. 21, n. 46, p. 275-288, maio 2012. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-20972012000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 08 set. 2024.

GARCIA, V. F.; SANTOS, M. W dos. Educação Infantil e estudos das relações étnico-raciais: apontamentos de uma crescente produção acadêmica. **Aprender - Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, [S. l.], n. 21, 2019. DOI: 10.22481/aprender.i21.5564. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/aprender/article/view/5564>. Acesso em: 14 ago. 2024.

GIROUX, H. A Disneyzação da Cultura Infantil. IN: Tomaz Tadeu da Silva e Antônio Flavio Moreira (Orgs.). **Territórios Contestados – o currículo e os novos mapas políticos e culturais.** Cap.4, p. 49-81. Petrópolis: Vozes Editora, 2001.

GOHN, M. G.; STAVRACAS I. O papel da música na Educação Infantil. **Eccos Revista Científica.** 2010;12 (2):85-103.ISSN: 1517-1949. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71518580013>. Acesso em 6 de mai. 2024.

HOLZBACH, A. D. Para pequenos grandes espectadores: a produção televisiva brasileira direcionada a crianças pequenas a partir do caso da Galinha Pintadinha. **E-Compós**, [S. l.], v. 21, n. 2, 2018. DOI: 10.30962/ec.1390. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1390>. Acesso em: 26 mai. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022.**

LEITE, Claudineia Martins da Silva. **A música no trabalho pedagógico com o bebê e a criança pequena na creche.** 2021. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal de São Carlos campus Sorocaba, Sorocaba 2021. Disponível em: https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/13843/LEITE%20Claudineia_TCC%202021.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 18 ago. 2024.

LÖSCH, S.; RAMBO, C. A.; FERREIRA, J. L. A pesquisa exploratória na abordagem qualitativa em educação. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, p. e023141, 2023. DOI: 10.21723/riaee.v18i00.17958. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/17958>. Acesso em: 18 ago. 2024.

MARTINS, H. H. T. de S.. Metodologia qualitativa de pesquisa. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 30, n. 02, p. 289-300, ago. 2004. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022004000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 01 ago. 2024.

MELO SILVA, A. C. de. **A construção da identidade da criança na Educação Infantil: reflexões sobre cultura de pares e relações étnico-raciais.** 2023. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos *campus* Sorocaba, Sorocaba, 2023.

MELO, M. A. dos S.. O que pode ensinar o repertório musical da/na educação da infância?. 2019. Centro de Formação de Professores, Monografia (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal de Campina Grande, Cajazeiras, Paraíba, Brasil, 2019.

MORAES, J. G. V. DE. História e música: canção popular e conhecimento histórico. **Revista Brasileira de História**, v. 20, n. 39, p. 203–221, 2000.

MUNANGA, Kabengele. Nova legislação e política de cotas desencadeariam ascensão econômica e inclusão dos negros, diz professor. Trecho de entrevista publicada online. 02 ago 2005, **Revista Gestão Universitária**. Trecho de entrevista publicada online, In: BORGES, Mariana Disponível em: <http://gestaouniversitaria.com.br/artigos/nova-legislacao-e-politica-de-cotas-desencadeariam-ascensao-economica-e-inclusao-dos-negros-diz-professor>. Acesso em: 18 ago 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Para entender o negro no Brasil de hoje: história, realidades, problemas e caminhos**. 2 ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

ROSEMBERG, Fulvia. B. M. Educação para quem? *Ciência e Cultura* (SBPC), v. 28, n. 12, p. 66-71, 1976.

SILVA, J. Soares da; PRATES, A. Eustáquio. O ponto cantado de umbanda como fonte para o ensino de história. **Em Tempo de Histórias**, Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - IFNMG. [S. l.], v. 1, n. 36, 2020. DOI: 10.26512/emtempos.v1i36.31750. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/31750>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SOUZA, Edmacy Quirina de; SANTOS, Maria Walburga dos. **Em busca de uma educação antirracista e decolonial: o combate às escolas de alma branca. Infâncias e marcadores sociais da diferença: estratégias teóricas e metodologias no contexto brasileiro**, 2023.

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO. Atividades de apoio à aprendizagem: Ensino Fundamental – Anos Iniciais: 4º. ano. **Sedu-ES**, Governo do Espírito Santo. Disponível em: [https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/EscoLAR/HIST.%20GEO%20-%204%C2%BA%20ANO%20\(1\).pdf](https://sedu.es.gov.br/Media/sedu/EscoLAR/HIST.%20GEO%20-%204%C2%BA%20ANO%20(1).pdf), Acesso em: 9 ago. 2024.

TEODORO, C.; OLIVEIRA, F.; SANTOS, M. W. (ORG.). **Infâncias e marcadores sociais da diferença: estratégias teóricas e metodologias no contexto brasileiro**. Petrolina: Editora IFSertãoPE, e-book, 2023, Disponível em: https://pt.linkedin.com/posts/fl%C3%A1vio-santiago-5761181bb_compartilho-essa-lindeza-de-e-book-que-pude-activity-7137153249513517056-qDdl, Acesso em: 9 ago. 2024.

VYGOTSKY, L.S; LURIA, A.R. & LEONTIEV, A.N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

YOUTUBE. **A Galinha Pintadinha**. Canal Oficial. Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCBAb_DK4GYZqZR9MFA7y2Xg. Acesso em: 16 ago. 2024.

APÊNDICE 1 - Pombinha Branca - Marcos Patrizzi Luporini - Bromelia Prod. Ltda

Pombinha Branca, que está fazendo?
Lavando roupa pro casamento
Vou me lavar, vou me trocar
Vou na janela pra namorar

Passou um moço, de terno branco
E chapéu de lado, meu namorado
Mandei entrar, mandei sentar
Cuspiu no chão...
Limpa aí seu porcalhão
Tenha mais educação!
Limpa aí seu porcalhão
Tenha mais educação!

Pombinha Branca, que está fazendo?
Lavando roupa pro casamento
Vou me lavar, vou me trocar
Vou na janela pra namorar

Passou um moço, de terno branco
E chapéu de lado, meu namorado
Mandei entrar, mandei sentar
Cuspiu no chão...
Limpa aí seu porcalhão
Tenha mais educação!
Limpa aí seu porcalhão
Tenha mais educação!
Limpa aí seu porcalhão
Tenha mais educação!
Limpa aí seu porcalhão
Tenha mais educação!

Fonte: Musixmatch. **Pombinha Branca**. Canção de Galinha Pintadinha.
Acesso em: 15 set. 2024.

APÊNDICE 2 - A Loja do Mestre André - Marcos Patrizzi Luporini – Som Livre

Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um pifarito
Tiro, liro, li um pifarito

Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André
Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André

Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um pianinho
Plim plim plim, um pianinho
Tiro, liro, li um pifarito

Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André
Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André

Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um tamborzinho
Tum tum tum, um tamborzinho
Plim plim plim, um pianinho
Tiro, liro, li um pifarito

Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André
Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André

Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um rabecão
Zum, zum, zum, uma rabecão
Tum tum tum, um tamborzinho
Plim plim plim, um pianinho
Tiro, liro, li um pifarito

Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André
Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André
Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei um tamborim
Teleco, teco, teco, um tamborim

Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André
Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André
Foi na loja do Mestre André
Que eu comprei uma sanfona
Fom, fom, fom, uma sanfona
Teleco, teco, teco, um tamborim

Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André

Ai olé, ai olé
Foi na loja do Mestre André
Tiro, liro, li um pifarito
Tum tum tum, um tamborzinho
Plim plim plim, um pianinho
Zum, zum, zum, uma rabecão
Teleco, teco, teco, um tamborim
Blam, blam, blam, um violão
Fom, fom, fom, uma sanfona
Bum, bum, bum, um surdão
Chic, chic, chic, um chocalho
Rec, rec, rec, um reco-reco
Tum, tic, tum, um pandeiro
Tcham, tcham, tcham, uma guitarra

Fonte: LyricFind. **A Loja do Mestre André**. Marcos Patrizzi Luporini, Som Livre, Acesso em: 15 set. 2024.

APÊNDICE 3 – Marinheiro só – Caetano Veloso – Visão Geral

Eu não sou daqui	Ô, marinheiro,	Marinheiro só	Eu não sou daqui
Eu não tenho amor	marinheiro	Ô, quem te ensinou a	Marinheiro só
Eu sou da Bahia	Marinheiro só	nadar	Eu não tenho amor
De São Salvador	Ô, quem te ensinou a	Marinheiro só	Marinheiro só
Olha, eu não sou daqui	nadar	Ou foi o tombo do navio	Eu sou da Bahia
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Eu não tenho amor	Ou foi o tombo do navio	Ou foi o balanço do mar	De São Salvador
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Eu sou da Bahia	Ou foi o balanço do mar	Eu não sou daqui	Olha, eu não sou daqui
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
De São Salvador	Eu não sou daqui	Eu não tenho amor	Eu não tenho amor
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Ô, marinheiro,	Eu não tenho amor	Eu sou da Bahia	Eu sou da Bahia
marinheiro	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Marinheiro só	Eu sou da Bahia	De São Salvador	De São Salvador
Ô, quem te ensinou a	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
nadar	De São Salvador	Olha, eu não sou daqui	Lá vem, lá vem
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Ou foi o tombo do navio	Olha, eu não sou daqui	Eu não tenho amor	Como ele vem faceiro
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Ou foi o balanço do mar	Eu não tenho amor	Eu sou da Bahia	Todo de branco
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Lá vem, lá vem	Eu sou da Bahia	De São Salvador	Com seu bonezinho
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Como ele vem faceiro	De São Salvador	Ô, marinheiro,	Ô, marinheiro,
Marinheiro só	Marinheiro só	marinheiro	marinheiro
Todo de branco	Ô, marinheiro,	Marinheiro só	Marinheiro só
Marinheiro só	marinheiro	Ô, quem te ensinou a	Ô, quem te ensinou a
Com seu bonezinho	Marinheiro só	nadar	nadar
Marinheiro só	Ô, quem te ensinou a	Marinheiro só	Marinheiro só
Lá vem, lá vem	nadar	Ou foi o tombo do navio	Ou foi o tombo do navio
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Como ele vem faceiro	Ou foi o tombo do navio	Ou foi o balanço do mar	Ou foi o balanço do mar
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Todo de branco	Ou foi o balanço do mar	Ô, marinheiro,	Eu não sou daqui
Marinheiro só	Marinheiro só	marinheiro	Marinheiro só
Com seu bonezinho	Ô, marinheiro,	Marinheiro só	Eu não tenho amor
Marinheiro só	marinheiro	Ô, quem te ensinou a	Marinheiro só
Ô, marinheiro,	Marinheiro só	nadar	Eu sou da Bahia
marinheiro	Ô, quem te ensinou a	Marinheiro só	Marinheiro só
Marinheiro só	nadar	Ou foi o tombo do navio	De São Salvador
Ô, quem te ensinou a	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
nadar	Ou foi o tombo do navio	Ou foi o balanço do mar	Eu não sou daqui
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Ou foi o tombo do navio	Ou foi o balanço do mar	Marinheiro só	Eu não tenho amor
Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só	Marinheiro só
Ou foi o balanço do mar	Ô, marinheiro,	Marinheiro só	
Marinheiro só	marinheiro	Marinheiro só	
Eu sou da Bahia..			

Fonte: Musixmatch. Marinheiro Só. Dominio Publico / Caetano Emmanuel Viana Telles Veloso, Uns Producoes Artisticas Ltda

APÊNDICE 4 – Os Escravos de Jó - Domínio Público - Warner Chappell Music, Inc

Escravos de Jó
Jogavam caxangá
Tira, põe
Deixa ficar
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá
Escravos de Jó
Jogavam caxangá
Tira, põe
Deixa ficar
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá
Escravos de Jó
Jogavam caxangá
Tira, põe
Deixa ficar
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá
Escravos de Jó
Jogavam caxangá
Tira, põe
Deixa ficar
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá
Guerreiros com guerreiros
Fazem zigue-zigue-zá

Fonte: LyricFind. **Os escravos de Jó**. Domínio Público, Letra Tratore, Warner Chappell Music, Inc

APÊNDICE 5 – Os indiozinhos - Marcos Patrizzi Luporini,, Bromelia Prod. Ltda

1, 2, 3 indiozinhos
4, 5, 6 indiozinhos
7, 8, 9 indiozinhos
10 no pequeno bote
Iam navegando rio abaixo
Quando o jacaré se aproximou
E o indiozinho olhou pra baixo
E o bote quase virou

1, 2, 3 indiozinhos
4, 5, 6 indiozinhos
7, 8, 9 indiozinhos
10 no pequeno bote
Iam navegando rio abaixo
Quando o jacaré se aproximou
E o indiozinho olhou pra baixo
E o bote quase virou

1, 2, 3 indiozinhos
4, 5, 6 indiozinhos
7, 8, 9 indiozinhos
10 no pequeno bote
Iam navegando rio abaixo
Quando o jacaré se aproximou
E o indiozinho olhou pra baixo
E o bote quase virou

1, 2, 3 indiozinhos
4, 5, 6 indiozinhos
7, 8, 9 indiozinhos
10 no pequeno bote
Iam navegando rio abaixo
Quando o jacaré se aproximou
E o indiozinho olhou pra baixo
E o bote quase virou

Fonte: Musixmatch. Os indiozinhos. Dp / Marcos Patrizzi Luporini,, Bromelia Prod. Ltda.